

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**OS TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA SE SUSTENTAM?
UM ESTUDO SOBRE AS FONTES DE FINANCIAMENTO EM TIMES DAS
CIDADES DE VIAMÃO E PORTO ALEGRE**

MARCELO DA SILVA LOPES

Porto Alegre
2020

MARCELO DA SILVA LOPES

**OS TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA SE SUSTENTAM?
UM ESTUDO SOBRE AS FONTES DE FINANCIAMENTO EM TIMES DAS
CIDADES DE VIAMÃO E PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre
2020**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcelo da Silva Lopes

**OS TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA SE SUSTENTAM?
UM ESTUDO SOBRE AS FONTES DE FINANCIAMENTO EM TIMES DAS
CIDADES DE VIAMÃO E PORTO ALEGRE**

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel da Silveira – ESEFID/UFRGS

Orientador Prof. Dr. Mauro Myskiw – ESEFID/UFRGS

“Pois o direito ao desporto, como um novo direito urbano de todo o cidadão, é um dado indiscutível da cultura das sociedades modernas Constantino (1999, p.123).”

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me proporcionado ter muita saúde, discernimento e conhecimento, me tornando uma pessoa saudável, fortalecida e determinada a buscar e alcançar meus objetivos e estudos acadêmicos com força, persistência e motivação.

Agradecer a meus pais, José Liberato Lopes e Maria de Fátima da Silva Lopes, por terem me criado com carinho, educação e respeito ao próximo.

Agradecer aos meus sogros, Moacir Tadeu Lima dos Santos e Maria Luiza Vaz dos Santos por sempre acreditarem em meu potencial e me incentivarem a seguir sempre em frente acreditando em minhas plenas capacidades.

Agradecer a todos os professores da UFRGS que passaram diretamente ou indiretamente em meu caminho, em especial ao professor Dr. Mauro Myskiw que me inspirou e me incentivou a pesquisar e me dedicar exclusivamente ao tema proposto com amplo conhecimento do assunto e sendo fundamental ao abrir um leque de conhecimento plenos a mim sobre o tema.

Agradecer e muito ao meu filho Miguel dos Santos Lopes que se formará em 2021 no curso de Direito da UFRGS e me motivou muito com a sua sabedoria.

Agradecer minha pequena filha Marcela dos Santos Lopes que me motiva diariamente a crescer como pai, como pessoa, como homem e como estudante. Minha fonte eterna de energias.

E sim, agradecer minha amada esposa Enfermeira Mauren Vaz dos Santos que desde quando nos casamos no ano de 1997, me incentiva, me ajuda, me motiva, me orienta e me ensina a encarar a vida como se deve. Uma mulher de verdade. Que além de estar comigo nos momentos bons e ruins, fez o melhor que um ser pode fazer a outro ser: Acreditou. Sempre acreditou em mim. Acreditou que eu poderia passar em um concurso público e acreditou e me levou sempre a acreditar, estando sempre comigo desde o momento que comecei e me matricular em um curso preparatório para ir bem no vestibular. Acreditou em mim quando ingressei na UFRGS e com certeza está acreditando agora na minha formação Acadêmica que esta prestes a acontecer.

Hoje dedico e agradeço a você, minha esposa Mauren, o resultado de anos de estudos, pesquisas e diários de campo construídos com dedicação, esforço e muitas alegrias.

Obrigado a todos!

RESUMO

Este trabalho investigou uma prática de lazer bastante presente na vida de trabalhadores urbanos das cidades da região metropolitana de Porto Alegre, o futebol de várzea. O objetivo foi compreender como ocorre o financiamento dos times/agremiações de futebol de várzea, tendo em vista suas fontes e aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de recursos para manutenção e participação de jogos e competições. Tratou-se de um estudo qualitativo baseado numa observação participante como jogador e dirigente, desenvolvida nos anos de 2019 e 2020. Foram produzidos e analisados 25 diários de campo. Com base nas análises conclui que são 04 as fontes de investimentos: a contribuição de jogadores; o custeio por parte dos dirigentes; a realização de rifas e eventos; e a captação de recursos com empresas através de patrocínios. E, para entender as possibilidades de mobilização de recursos por essas fontes, concluí que é necessário saber sobre: quem são os jogadores; quais os equipamentos; quais as reformas, reservas e/ou aluguéis; como desonerar de dirigentes e/ou jogadores; quais os deslocamentos; quem são e qual o número de árbitros; qual o contexto dos jogos; qual a reputação das equipes.

Palavras-chave: Financiamento; Times; Futebol de Várzea; Lazer.

ABSTRACT

This work investigated a leisure practice very present in the life of urban workers in the cities of the metropolitan region of Porto Alegre, the lowland football. The objective was to understand how the financing of the lowland football teams / associations occurs, considering their sources and aspects that relate to the greater or lesser demand for resources for the maintenance and participation of games and competitions. It was a qualitative study based on participant observation as a player and manager, developed in the years 2019 and 2020. 25 field diaries were produced and analyzed. Based on the analysis, it concludes that there are 04 sources of investments: the contribution of players; the cost by the managers; holding raffles and events; and fundraising with companies through sponsorships. And, to understand the possibilities of resource mobilization by these sources, I concluded that it is necessary to know about: who are the players; what equipment; what reforms, reserves and / or rentals; how to release directors and / or players; what the displacements are; who they are and the number of arbitrators; what is the context of the games; what is the reputation of the teams.

Keywords: Financing; Times; Lowland Football; Recreation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de times e suas cidades, de categorias e funções vivenciadas durante a pesquisa.	14
Quadro 2 - Aspectos e categorias que se relacionam com o pagamento de taxas ou de custos pelos jogadores.	20
Quadro 3 - Aspectos e categorias que se relacionam com o pagamento de taxas ou de custos pelos dirigentes/presidentes de equipes.....	27
Quadro 4 - Aspectos e categorias que se relacionam com o financiamento baseado na realização de rifas, ‘galeto’, torneios e festas.	35
Quadro 5 - Síntese de aspectos que se relacionam com o financiamento baseado em patrocínio de empresas.	39
Quadro 6 – Síntese de categorias, de aspectos e de fontes de financiamento do futebol de várzea	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contribuições de jogadores da equipe Amigos da Florescente para custeio de despesas de jogo amistoso.	16
Tabela 2 - Situação do caixa da equipe do Bagé em 13/11/2020 através da arrecadação de mensalidades dos jogadores.....	17
Tabela 3 – Conjunto de investimentos feitos por dirigente de equipes e suas finalidades, tendo em vista o início de uma competição.....	23
Tabela 4 - Conjunto de investimentos feitos por dirigente de equipe e suas finalidades, tendo em vista jogos amistosos.	26
Tabela 5 – Descrição de custos dos insumos para ‘o galetto’ com bebidas inclusas.	30
Tabela 6 – Despesas listadas pelas equipe do Atlético Saibrera de Viamão para realização de torneio.	32
Tabela 7 – Despesas para a realização do baile organizado pelo Bagé.....	34
Tabela 8 – Receitas oriundas da venda de bebidas no baile realizado pela equipe Bagé.....	34
Tabela 9 – Relação de patrocinadores da equipe Amigos da Florescente para a aquisição de fardamento, valores do investimento e posicionamento da logomarca.	38
Tabela 10 – Descrição dos valores do fardamento adquirido pela equipe Amigos da Florescente na empresa Scorpion Uniformes.	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	13
3	FINANCIAMENTO DE TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA	15
3.1	Financiamento relacionado à contribuição de jogadores	15
3.2	Financiamento relacionado ao custeio dos dirigentes.....	22
3.3	Financiamento relacionado à realização de rifas e eventos	28
3.3.1	<i>Rifas</i>	28
3.3.2	<i>Galetos</i>	29
3.3.3	<i>Torneios</i>	31
3.3.4	<i>Festas</i>	33
3.4	Financiamento relacionado à patrocínios de empresas.....	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga uma prática de futebol por homens bastante presente no cotidiano de muitas pessoas e cidades, mas ainda invisível se considerarmos a sua presença nos veículos de comunicação. Me refiro ao futebol de várzea muitas vezes entendido como uma organização imprópria, negativa. Segundo Biagi (2017), ao estudar o futebol de várzea da cidade de São Paulo, essa perspectiva negativa tem a ver com a prática por populações pobres, ocorrida em locais sujeitos a inundações e dificuldades. O autor mostra que o futebol de várzea, vai ao longo da sua história urbana, assumindo um significado de perigoso e marginal porque se tratava de uma representação de uma elite sobre classes pobres.

Nessa linha, procurando entender o futebol de várzea a partir de seu universo de significados num circuito de Porto Alegre, que Myskiw (2012) sustenta que a organização não pode ser compreendida a partir da noção de falta, de carência, de precariedade, de marginalidade. Isso porque a organização varzeana denota a importância daquilo que *a priori* não seria do futebol (dramas e tramas urbanos), mas que acabam sendo de enorme relevância para a existência e continuidade dos espaços de lazer de trabalhadores, a maioria de classes populares.

Nesse futebol de lazer estão presentes importantes processos pedagógicos e de formação sociocultural. Na reflexão produzida por Stigger (2009), o autor sustenta que o universo cultural do lazer, entre eles esse lazer esportivo descrito acima, é um importante espaço de socialização, isto é, de educação não formal que não está entre parênteses da vida cotidiana. O lazer, para o pesquisador, não é uma antítese da vida cotidiana, uma outra esfera da vida. Pelo contrário, nesses universos de práticas corporais esportivas de lazer as pessoas produzem significados, aprendem e ensinam e o fazem imersos em questões cotidianas, as quais estão presentes nas redes de sociabilidade.

Trato, no presente trabalho, exatamente desse universo de lazer e de formação tecida em redes de sociabilidades futebolísticas. Para tanto, abordarei o futebol vivenciado nos municípios de Viamão e de Porto Alegre, seja em praças e parques onde as práticas parecem ter mais distância da vida urbana ou naqueles campos localizados dentro de bairros e vilas, onde a relação com as comunidades e suas dinâmicas parece ser muito mais densa, sendo difícil, em vários casos, separar o futebol das questões familiares, da dimensão econômica local, das disputas internas dos territórios. É um espaço de formação que não pode ser definido como apenas esportivo, pois ele forma para a vida cotidiana e urbana, daí a relevância para uma investigação acadêmica no contexto da formação em Educação Física.

Como questão específica a ser investigada no futebol de várzea de Viamão e de Porto Alegre, especificamente aqueles praticados por homens, optei por focar no financiamento econômico dos times e, portanto, da própria experiência de lazer. Acompanhando e investigando esse futebol, pude notar que, desde as primeiras horas do dia eu podia computar os custos que fazem parte do cotidiano futebolístico. Não somente as taxas e mensalidades de jogo determinam o investimento de jogadores nos finais de semana, como também, por exemplo o envolvimento familiar que quase sempre demanda mais recursos, algo que não é avaliado negativamente.

Procurei explorar essa dimensão econômica da várzea em uma trajetória de investigação em campos de Viamão e de Porto Alegre. Meu objetivo foi saber como os times/agregações de futebol se sustentam financeiramente para manter esse importante universo de trabalhadores urbanos? O objetivo da pesquisa foi compreender como se dá esse financiamento dos times/agregações de futebol de várzea, tendo em vista suas fontes e aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de recursos. Sendo assim, tive dois objetivos específicos: o primeiro foi identificar as fontes de investimentos das equipes/agregações; e o segundo descrever e categorizar os aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de recursos para o sustento e existência dos times/agregações.

Antes e durante a realização da pesquisa de campo acessei e li diversos trabalhos sobre futebol de várzea (ANTUNES, 1994; LOPO, 2008; PIMENTA, 2009; SILVA, 2011; MYSKIW, 2012; OLIVEIRA, 2013; SCIFONI, 2013; MARTINS, 2016; BIAGI, 2017; INVERNIZZI, 2018). Notei que esses trabalhos abordam questões relacionadas às fontes de financiamento e de aspectos que se relacionam com o volume de recursos, eles não abordam especificamente essa temática como elemento central da pesquisa. Nesse sentido é que percebi uma lacuna de conhecimentos para ser investigada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Embora trate de uma dimensão econômica do futebol de várzea das cidades de Viamão e de Porto Alegre, a abordagem do estudo foi qualitativa. Esse tipo de estudo foi entendido aqui, com base na obra de Flick (2009), como aquele que possibilita diferentes formas de apropriação de métodos e de teorias, que está interessado na perspectiva dos participantes e sua diversidade, que envolve a reflexividade do pesquisador e da pesquisa, assim como uma variedade de abordagens e de procedimentos a serem construídas na trajetória da investigação.

Para a realização do estudo qualitativo foi desenvolvida uma pesquisa participante. Tomei como referência o trabalho de Stigger e Myskiw (2020) em relação aos estudos etnográficos no lazer. Para esses autores, a pesquisa participante envolve a entrada em campo (quando o pesquisador procura uma aproximação e aceitação), os estranhamentos (como uma atitude investigativa na qual o pesquisador percebe os seus limites para compreender e, assim, busca novos elementos), o situar-se (as formas de se relacionar, de interagir e de conviver com os interlocutores) e os diários de campo (o registro sistemático da experiência e das relações estabelecidas, tendo como foco as questões investigadas).

Essa pesquisa participante foi realizada durante os anos de 2018 e 2020, como membro de times de futebol de várzea das cidades de Viamão e de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nesses times, além dessas duas cidades, estive em campos dos municípios de Canoas, Gravataí, Alvorada e Cachoeirinha, todos da região metropolitana de Porto Alegre. Ao longo da pesquisa pude participar como jogador de 18 times (nas categorias livre e veterano) e como dirigente de um deles (no Lisboa Futebol Clube de Viamão), conforme descrevo no quadro 1.

Quadro 1 – Relação de times e suas cidades, de categorias e funções vivenciadas durante a pesquisa.

CIDADE	FUNÇÕES	TIME	CATEGORIAS
Viamão	Jogador	Allambik	Livre
	Jogador	Amigos da Florescente	Livre e veterano
	Jogador	Atlético Saiblera	Livre e veterano
	Jogador	Chapa Quente	Livre
	Jogador	Cobreloa	Livre
	Jogador	Colorado FC	Livre
	Jogador	Depress	Livre
	Jogador e dirigente	Lisboa FC	Livre e veterano
	Jogador	Penharol	Livre
	Jogador	Santa Fé	Livre e veterano
	Jogador	São Lucas	Livre
Porto Alegre	Jogador	Bagé	Livre
	Jogador	Boka Braba	Veterano
	Jogador	Flamengo Safira	Veterano
	Jogador	Revolutions	Veterano
	Jogador	Santo Alfredo	Veterano
	Jogador	Uniao da Tuka	Livre
	Jogador	Unidos da Martins	Veterano

Fonte: elaboração própria com base nos diários de campo.

Participando desses times e seus compromissos nos diferentes municípios, pude registrar 25 diários de campo, nos quais procurei registrar informações sobre o contexto das partidas (local, competição/amistoso, rodada, adversários, torcedores, etc.) e principalmente dados relacionados ao financiamento, prestando atenção principalmente nas fontes e nos aspectos que pareciam ser relevantes para a determinar o volume de recursos necessários nos times/agremiações (como taxas, mensalidades, equipamentos esportivos, churrascos, etc.). Esse processo de produção dos dados, na maioria das vezes ocorreu através de conversas informais com jogadores e dirigentes de times, mas também envolveu acesso a registro/anotações existentes acerca de dimensões econômicas do futebol de várzea (anotações do responsável por um ‘galeto’ de arrecadação de dinheiro, por exemplo).

As análises das informações registradas nos diários de campo foram desenvolvidas da seguinte forma: primeiro procurei identificar e categorizar as fontes de financiamento dos times de futebol de várzea; na sequência, olhando para os dados das fontes, busquei descrever e categorizar os aspectos que se relacionavam com o maior ou menor volume de recursos necessários para o financiamento; por fim, procurei relacionar os resultados com outros estudos sobre futebol de várzea/amador que eu havia acessado e estudado.

3 FINANCIAMENTO DE TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA

A partir da análise dos dados dos diários de campo foi possível identificar e compreender que são 04 as fontes de investimentos dos times de futebol de várzea de Viamão e de Porto Alegre que acompanhei como jogador e dirigente (num dos casos). O financiamento está relacionado com: 1) a contribuição de jogadores; 2) o custeio por parte dos dirigentes; 3) a realização de rifas e eventos; e 3) a captação de recursos com empresas através de patrocínios. Neste capítulo passo a descrever essas fontes de financiamento, destacando e analisando os aspectos que se relacionam com a capacidade variável de arrecadação dos times/agremiações.

3.1 Financiamento relacionado à contribuição de jogadores

Neste subcapítulo abordo o financiamento do futebol de várzea baseado na contribuição dos próprios jogadores, trazendo as relações com os vínculos na equipe. Muitas vezes a formação de um time não acontece somente pela qualidade técnica dos jogadores, importando a contribuição homogênea e semanal da taxa de jogo que é determinada pela ‘diretoria’ ou ‘diretor’. Isso tem um impacto determinante até mesmo na permanência de cada um no ‘plantel’. Fazer parte de equipe não significa apenas frequentar os jogos com regularidade, nem estar no grupo do *WhatsApp*, sendo relevante contribuir com as taxas e mensalidades. Ou seja, requer compromisso constante e contumaz.

Essas taxas/contribuições podem variar em face de várias situações que alteram os custos. Por exemplo, há de se levar em conta os tipos e qualidades dos campos, assim como a condição climática do jogo. Participar de um jogo com campo encharcado e embarrado, faz com que o custo da lavagem do fardamento aumente em decorrência do gasto com alvejante, sabão em pó e água para a lavagem. Neste caso, se cobra uma contribuição extra dos jogadores para auxiliar na lavagem.

Na tabela 1 abaixo apresento um exemplo que vivenciei. Nela descrevo os valores que os jogadores contribuíram para o custeio das despesas. A equipe destacada é Amigos da Florescente, que possui categoria livre, veteranos e segundo quadro. O jogo que participei é o da categoria livre e foi realizado no dia 25/10/2020, às 9:00hs, no campo do Alvinegro. Tratou-se de uma partida amistosa, mas não menos disputada, com resultado final de: Amigos da Florescente 1 x 3 Pitinga.

Tabela 1 – Contribuições de jogadores da equipe Amigos da Florescente para custeio de despesas de jogo amistoso.

ATLETAS	CATEGORIA	VALOR PAGO
Gabriel	Livre	R\$ 20,00
Curupira	Livre	R\$ 20,00
Juliano	Livre	R\$ 20,00
Gui	Livre	R\$ 20,00
Deleon	Livre	R\$ 20,00
Nego	Livre	R\$ 20,00
Rubinho	Livre	R\$ 20,00
Nadal	Livre	R\$ 20,00
Buiu	Livre	R\$ 20,00
Ruan	Livre	R\$ 20,00
Rui	Livre	R\$ 20,00
Julian	Livre	R\$ 10,00
Michel	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Jubileu	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Rodrigo	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Sapo	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Yuri	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Dodi	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Yago	Segundo Quadro	R\$ 10,00
Yago	Segundo Quadro	R\$ 20,00
TOTAL ARRECADADO:		R\$ 380,00

Fonte: elaboração própria com base nos diários de campo.

O valor total do campo nos dois quadros seria de R\$ 500,00, mas foi feito um desconto de R\$ 80,00 reais em razão de jogarmos com mais de um quadro. Porém, faltaram R\$ 40,00 reais que foram pagos por um membro da diretoria, Duda. Ainda não foi computado o valor de R\$ 50,00 reais que serão descontados a lavagem dos uniformes. Para isso, foram retirados R\$ 90,00 reais que tinha em uma reserva de caixa caixa que é administrada pelo presidente Rubinho. Só foi possível esse procedimento porque, em outras situações, as contribuições dos jogadores fizeram com que tivéssemos um saldo em caixa (DC, 25/10/2020). Na tabela 2, abaixo, apresento a situação do caixa da equipe Bagé, compartilhada pelo Rubinho, da diretoria em 13/11/2020:

Tabela 2 - Situação do caixa da equipe do Bagé em 13/11/2020 através da arrecadação de mensalidades dos jogadores

JOGADOR	MÊS	VALOR
Anderson	Julho	R\$ 25,00
	Agosto	R\$ 25,00
André	Junho	R\$ 30,00
	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
	Setembro	R\$ 30,00
Ângelo	Setembro	R\$ 35,00
Dailor	Julho	R\$ 25,00
	Agosto	R\$ 25,00
Kalleo	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
Nadal	Junho	R\$ 30,00
	Junho	R\$ 30,00
Rubinho	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
	Setembro	R\$ 30,00
TOTAL DE ARRECAÇÃO DE MENSALIDADES		R\$ 465,00
SALDO ANTERIOR (MARÇO)		R\$ 163,00
TOTAL DO CAIXA DA EQUIPE		R\$ 628,00

Fonte: elaboração própria com base nos diários de campo.

Segundo informações apresentadas pelo ‘dirigente’ (DC, 13/11/2020), com a Pandemia houve pouca contribuição na forma de mensalidades. Entretanto, não há dúvidas de que a participação dos membros da equipe na manutenção das mensalidades é importante. A não participação nesse sentido fariam com que ficássemos com um saldo devedor no referido campo de jogo. Destaco, nessa linha, que uma equipe considerada forte e próspera ‘na várzea’ não só precisa de jogadores de qualidade, mas também de membros comprometidos, o que se relaciona com a opção de jogar em campos de melhor ou maior qualidade e mais próximos ou jogar em campos de menor qualidade e mais distantes. A condição dos campos entendidos como ruins, entre os jogadores, representa maior risco de lesões e, conseqüentemente, mais gastos com tratamentos, medicamentos e ainda o mais importante: a impossibilidade de os atletas poderem exercer suas funções nas suas respectivas empresas ou empregos temporários.

A respeito dos custos que implicam nas despesas para fazer parte de uma equipe e comparecer nas partidas é importante mencionar o gasto com a gasolina para o deslocamento até o campo. No caso do campo do Alvinegro mencionado acima (DC, 25/10/2020) esse custo gira em torno de R\$ 10,00 reais para o deslocamento, que é distante da minha residência. Essa situação não acarreta em um aumento no valor da taxa de jogo, mas na coordenação de caronas compartilhadas em que os atletas dividem o custo da gasolina. No caso específico desse jogo,

teve ainda a lavagem posterior ao jogo do veículos pois até chegar ao campo, passamos por 4 quilômetros de terra (chão batido) o que faz com que os veículos ficassem totalmente empoeirados e conseqüentemente necessitando de uma lavagem logo assim que retornamos as nossas residências.

Destaco que o valor arrecadado não foi o suficiente nesse final de semana mencionado devido a fato de nem todos os jogadores contribuírem com a taxa, fazendo com que o valor arrecadado tivesse que ser dividido entre a categoria livre e o segundo quadro. Esse campo (Alvinegro) considerado entre os jogadores como de excelente qualidade, portanto, o custo de utilização do mesmo aumenta e assim dificulta aos ‘diretores’ o seu pagamento quando nem todos contribuem. O segundo quadro deve contribuir igualmente, mas, em geral, os atletas do segundo quadro são principalmente ‘garotos’, os quais, muitas vezes, não têm à disposição R\$ 20,00 reais para contribuir.

Reitero que é uma questão de escolha relacionada às condições concretas dos membros das equipes, pois muitas equipes escolhem jogar em campos considerados de menor qualidade, como o caso da equipe do Santa Fé, que prioriza seus jogos no campo do Novo lar, onde o custo total fica em R\$ 140,00 reais, possibilitando a cobrança de R\$ 10,00 reais por pessoa, fazendo com que a contribuição de cada um acarrete um saldo positivo no final das contas. Ou até mesmo o campo do Clube Cantegril, onde o valor cobrado entre campo e a ‘taxa do juiz’ fica em R\$ 200,00 reais, sendo que a qualidade do ‘juiz’ aumenta o valor da arrecadação e mesmo assim se pode cobrar uma taxa de R\$ 10,0 reais por atleta. Nesse campo (do Clube Cantegril) as bebidas vendidas, de um modo geral, estavam na média de R\$ 5,00 reais ‘o latão’ de cerveja e R\$ 4,00 reais ‘a lata’ de refrigerante.

Outro aspecto que influencia no valor da contribuição e dos investimentos dos jogadores é o tipo da competição e a sua fase. Percebi isso ao longo da pesquisa participando de uma competição considerada importante no universo do futebol de várzea de Viamão, organizado pela Liga Viamonense de Futebol Amador. Se nos jogos amistosos cada jogador é levado a contribuir com R\$ 5,00, para essa competição o valor pode dobrar, chegando a R\$ 10,00, além do aumento do custo de deslocamento, pois são vários os campos utilizados e, muitas vezes, se pode jogar do outro lado da cidade, em campos agendados com antecedência e que não podem sofrer alterações. Soma-se a isso o fato de que numa competição mais valorizada como essa, muitos jogadores investem em materiais, como chuteiras novas que custam em média R\$ 150,00, tornozeleiras que custam em média R\$ 45,00, pomadas e aerossóis para a proteção e tratamento de lesões, que custam em trono de R\$ 25,00. Com isso, quero enfatizar que notei

uma maior predisposição de colaboração dos jogadores e de investimento deles quando se trata de uma competição reconhecida, se comparado, por exemplo, com um amistoso.

Contudo, há de se destacar o esforço dos diretores para marcar estes jogos em determinados campos, pois muitos jogadores querem jogar em campos bons, mas muitas vezes não havia a condição financeira para jogar e pagar R\$ 20,000 reais de taxa de jogo. Não raramente os próprios jogadores solicitavam aos ‘diretores’ que marcassem as partidas em campos mais modestos e mais baratos.

Na verdade essa situação é vivida como uma controvérsia futebolística, se considerar as situações nas quais jogadores têm condições de pagar e ‘não jogam muito’ e os que não podem pagar são considerados como aqueles que ‘jogam bem’. Há ainda aqueles que só querem jogar e acabam não pagando as taxas de jogo. Um exemplo disso é o jogador Lúcio Sonic, bastante conhecido na várzea de Viamão. Ele vai no jogo se é convidado, normalmente ‘joga bem’ e ‘decide’ a partida, mas não paga taxa e ‘quer cerveja depois’. É uma escolha que está nos horizontes das ‘diretorias’ das equipes. Quando se revolve convidá-los e levá-los, são cobrados a decidirem os jogos. Contudo, isso acaba trazendo, muitas vezes, um mal estar entre jogadores e diretoria, pois ‘quem paga quer jogar’ e, como citei anteriormente, a qualidade técnica acaba ficando em segundo plano, pois em determinadas equipes o que importa é o compromisso semanal de estar nos jogos e contribuir com as taxas. E este mal estar acaba, não raramente, ‘rachando o grupo’, portanto, tem que ser bem analisado caso a caso.

A questão do valor da taxa tem relação com as possibilidades de participação dos atletas. Um exemplo disso vivenciei na equipe do Bagé de Porto Alegre. Estávamos jogando nos campos de Viamão (o campo Alvinegro custava R\$ 250,00; o campo do Novo Lar custava R\$ 140,00), pois o ‘campo oficial’ (considerado ‘a casa’) do Bagé era o Tamandaré, que estava fechado devido a Pandemia. O campo do Tamandaré está localizado numa praça pública e não tem custo, apenas a necessidade de agendamento prévio. Jogar no campo Alvinegro ou no Novo Lar implicava numa contribuição maior de cada jogador. Mas, no dia 31/10/2020, voltamos a jogar no campo do Tamandaré que, apesar de não ter custo, demanda a cobrança de taxa para o custeio da taxa do árbitro, o que acarretou a arrecadação de R\$ 5,00. O destino dessa arrecadação foi para o pagamento da lavagem do fardamento e ‘do juiz’. Essa taxa de menor valor permite aos jogadores irem com mais frequência, apesar do campo ser reconhecido e descrito como ‘muito ruim’ e conseqüentemente trazer a possibilidade mais iminente de lesão e a duração de chuteiras e meiões diminuir pela metade.

De fato, o jogo no campo do Tamandaré que ocorreu no dia 31/10/2020 contra a equipe do Supremo F.C. teve o diferencial da taxa de R\$ 5,00 cobradas pelo ‘presidente da equipe’ (o

Rubens), que diferente de outros jogos não foi tão enfático e cobrança. Essa carência de empenho e ênfase na arrecadação da taxa se relacionava com o fato de que não haveria cobrança de campo. Apenas estavam colocados os custos da lavagem do fardamento e o pagamento de R\$ 25,00 para 'o juiz' que, neste tipo de jogo, foi arranjado 'de última hora'.

* * * * *

Com base nas informações que foram descritas acima, produzi um quadro no qual procuro sistematizar um conjunto de aspectos que se relacionam com o valor do pagamento de taxas/contribuições pelos jogadores (quadro 2).

Quadro 2 - Aspectos e categorias que se relacionam com o pagamento de taxas ou de custos pelos jogadores.

ASPECTOS	CATEGORIAS
Qualidade/tipo da arbitragem	Arbitragem
Contexto do jogo (amistoso ou competição)	Contexto dos jogos
Quantidades de jogos (um ou mais 'quadros')	Contexto dos jogos
Distância do campo	Deslocamento
Condições das estradas	Deslocamento
Possibilidade de 'caronas'	Deslocamento
Presença/ausência de familiares (filhos, esposa)	Desoneração de dirigentes e/ou jogadores
Condições climáticas	Equipamentos
Saldo 'do caixa' da equipe	Jogadores
Qualidade do jogador	Jogadores
Qualidade do campo	Reforma, reserva e/ou aluguel
Tipo do campo (público ou privado)	Reforma, reserva e/ou aluguel

Fonte: elaboração própria

A partir de informações como essas disponíveis no quadro acima, que dizem sobre as variações nas contribuições dos jogadores, que se ampliam ou diminuem as possibilidades de participação nas partidas. Mas o importante é salientar que há uma perspectiva de financiamento coletivo equacionado na relação com as condições dos jogadores e suas realidades. Contribuir com R\$ 10,00 pode ser pouco para alguns, mas muitos optam por não jogar e poder pagar um sorvete ou refrigerante para seus filhos que clamam também por diversão. É um paradoxo a ser escolhido todo final de semana. Ou o jogo, ou destinar dinheiro para filhos e esposa.

Um exemplo a ser sublinhado nessa direção é do atleta José, que mora no Recanto da Lagoa, próximo a minha residência. Ele trabalha como gari e tem 4 filhos e é a referência financeira da família. Joga comigo na equipe do Santa Fé, categoria livre. Muitas vezes não tinha o valor de R\$ 10,00 para pagar a taxa, nem mesmo R\$ 5,00 reais. Conversando com ele em certo momento descobri que recebe líquido por mês o valor de R\$ 1.120,00 e paga R\$

300,00 reais de aluguel. Sobram R\$ 820,00 reais para alimentação, vestuário, contas fixas para ele e mais 5 pessoas (filhos e esposa). Como ‘tirar’ R\$ 5,00 para pagar a taxa do jogo? Em conversa, ele me disse que com R\$ 5,00 compra um sorvete de R\$ 4,99 reais e faz a alegria dos pequenos. Mas, por outro lado, adora jogar e estar com a equipe e ainda é considerado um jogador com um ótimo preparo. Diante dessa situação, os demais membros da equipe com o apoio da diretoria decidiram pagar a taxa para o José, considerando que ele não falta os jogos e de vez em quando traz os filhos para a torcida. Entre os jogadores isso é valorizado. Por isso, muitas vezes, a contribuição de diretores e dirigentes é também fundamental, aspecto que abordarei na próxima seção.

Essas descrições sobre as contribuições financeiras dos jogadores trabalhadores tem relação com o futebol nas fábricas estudado por Antunes (1994) na primeira metade do século XX. A autora descreve que o futebol, logo no início de sua inserção no cenário brasileiro, era jogado por pessoas consideradas da elite, sendo disseminado aos poucos no interior das fábricas e indústrias de São Paulo. A partir daí, das fábricas, foi se popularizando, ou seja, foi se difundindo como oportunidade de lazer para os trabalhadores nos dias de folga. Neste processo, a autora destaca a Fábrica do Bangu no Rio de Janeiro. Era uma empresa de tecelagem que abriu espaço para seus trabalhadores. Na várzea vivenciada em Viamão e Porto Alegre não vivenciei essa presença das fábricas, mas sim dos trabalhadores investindo para jogar nos seus tempos de folga.

Destaco ainda as relações com o futebol de veteranos de Porto Alegre, estudado por Stigger (1997) e por Martins (2016) a respeito das redes de sociabilidade de grande relevância na vida dos jogadores, sendo corriqueiras as situações nas quais eles se distanciam de suas famílias nos finais de semana (nos tempos de lazer) e, mais do que isso, reservam uma parte da renda familiar para pagamento de taxas e de mensalidades. Essa foi uma questão que presenciei e vivenciei no presente estudo.

Também me parece importante destacar a proximidade do estudo com o que foi descrito e analisado por Myskiw (2015) sobre as tradições varzeanas nos ‘times de camisa’. Da mesma forma que o autor, entendi que a participação nos times de futebol de várzea não tem a ver apenas com saber jogar. É necessário conquistar seu espaço dentro da equipe e, simultaneamente, dentro da comunidade. Em algumas situações que vivi nos campos da várzea, tive que me integrar e sentir o clima do local. Não é fácil jogar em campos como o Panamá, Rubem Berta, Campo da Tuka. O jogo vai além da qualidade do gramado, pois não há uma divisão clara entre o que acontece dentro do campo e os dramas da vida cotidiana dos bairros e

comunidades, o que tem a ver com a capacidade de financiamento das equipes pelos próprios jogadores.

3.2 Financiamento relacionado ao custeio dos dirigentes

Neste subcapítulo abordo o financiamento dos jogos numa perspectiva de responsabilidade dos ‘dirigentes’, ‘diretores’ e ‘presidentes’ de equipes e agremiações. Sabemos que os jogadores têm papel fundamental neste processo, como procurei descrever no subcapítulo anterior, mas, pelo que pude notar ao longo da pesquisa, quem dá o pontapé inicial para a formação das equipes são seus ‘dirigentes’ e ‘diretores’. São eles que se reúnem, organizam, projetam e sonham com uma ‘boa equipe’, uma equipe que enfrente ‘de igual para igual’ seus adversários.

E, para um projeto de equipe começar é necessário ter recurso financeiro, primeiramente para a aquisição de um fardamento completo (camisas, meias e calções), com investimento inicial de aproximadamente R\$ 1.200,00. Além disso, há gastos com bolas, no mínimo 2 (o que gira em torno de R\$ 200,00), um *cooler* para armazenar as garrafas de água (que custa em média R\$ 80,00) e uma bolsa para armazenar o fardamento (que custa em torno de R\$ 150,00 reais). Este gasto total de R\$ 1.630,00 representa um mínimo para começar uma equipe, mas o gasto considerado ideal envolve ter mais um jogo de camisetas, ou seja, um outro fardamento que traria um custo extra de R\$ 1,200,00 em média, passando para um total de R\$ 2.830,00.

A partir disso é que se começa a estruturar um calendário de jogos, com jogos amistosos, treinos e competições, estes últimos os jogos mais motivadores de participar, sobretudo nas suas fases finais. Nas competições é onde eu vivenciava e observava maior motivação, maior doação e maior investimento financeiro, onde se tem ‘juiz’ e assistentes considerados de melhor qualidade, onde a torcida está presente e ‘inflama o jogo’, onde os dirigentes ficam literalmente enlouquecidos no alambrado e a disputa por cada bola é acirrada.

Inicialmente irei abordar os gastos dos ‘dirigentes’ e ‘diretores’, quando eles decidem inscrever a equipe em uma competição sistematizada, como, por exemplo, na Liga Viamonense de Futebol Amador, considerada, no cenário do futebol de várzea local, um ‘sonho de consumo’ de jogadores, dirigentes e diretores. Essa Liga realiza competições nas categorias, livre e veterano, mas trarei mais dados acerca da categoria livre, pois minha experiência e registros de diários de campo foram mais relacionados a ela. Além disso, nos anos de 2019 e 2018 estive à frente da diretoria da equipe do Lisboa como dirigente e apoiador.

A Liga começou no ano de 2016, com a equipe do Martinica se sagrando a campeã. Em 2017 a campeã foi a equipe do Santa Rita. Em 2018 a campeã foi a equipe do Lomba e em 2019 foi a equipe do Augusta. Em 2020 devido à Pandemia a Liga iniciou, teve somente um rodada e foi suspensa, fazendo com que em 2020 não fosse finalizada, havendo a indicação de retomar em 2021.

Nessa valorizada competição, normalmente, 24 equipes são distribuídas em 6 chaves de 4 times, onde se classificam os dois melhores colocados de cada chave mais os 2 melhores terceiros colocados, formando 8 equipes que disputarão as quartas de final em jogos únicos, assim seguindo até a final. As equipes geralmente são remanescentes da edição anterior, abrindo pouco espaço para a entrada de outras, mas acontecem convites para outros times não remanescentes diante da desistência de algumas equipes frequentes. Essa informação é importante porque as taxas de inscrição e de jogos são consideradas altas e, além disso, é difícil de conseguir jogadores de nível com muitas equipes formando verdadeiras seleções, sobretudo se os próprios jogadores têm que custear parte das despesas.

Na tabela 3 abaixo retrato um conjunto de investimentos e suas finalidades para uma equipe ter condições iniciais de participar de uma competição como esta organizada pela Liga Viamonense de Futebol Amador, cujos valores são custeados pelos dirigentes dos times ou agremiações.

Tabela 3 – Conjunto de investimentos feitos por dirigente de equipes e suas finalidades, tendo em vista o início de uma competição.

OBJETIVO	FINALIDADE	VALOR
Inscrição da Equipe	Estar apto a jogar	R\$ 500,00
Bolas Novas	Qualificar o time	R\$ 100,00
Pomadas e Analgésicos	Caixinha de Medicamentos	R\$ 60,00
Caixinha de Medicamentos	Armazenamento	R\$ 12,00
Bandagens	Caixinha de Medicamentos	R\$ 15,00
Combustível (por jogo)	Deslocamento ao Campo	R\$ 50,00
Recarga de Telefone	Comunicação Apta	R\$ 20,00
Lavagens de Uniformes	Limpeza Apropriada	R\$ 50,00
Cerveja pós jogo	Resenha	R\$ 50,00
Churrasco*	Resenha e comemoração	R\$ 200,00
Cooler para Gelo	Proteção	R\$ 70,00
Saco de Gelo	Cooler	R\$ 5,00
TOTAL DE INVESTIMENTOS DOS DIRIGENTES		R\$ 1.132,00

* Uma vez por mês

Fonte: elaboração própria a partir dos diários de campo.

A imagem que representa esta tabela é a de que se exige dos dirigentes um investimento significativo para inscrever uma equipe numa competição e para colocá-la em condições de

participação. A inscrição é geralmente paga pelos diretores, até para fazer com que os atletas tenham compromisso contumaz. Isso faz sentido porque, em alguns casos que presenciei, jogadores que contribuíram para o pagamento da taxa de inscrição acabam pressionando pela sua participação como titulares do time. Sendo assim, há um entendimento de que o ideal é envolver a cobrança de taxas dos jogadores somente em relação a cada jogo, para o custeio do campo e da arbitragem. A lógica é que o investimento vinculado a equipe-competição fica à cargo dos dirigentes e os investimentos relacionados a equipe-jogo sejam custeados pelos jogadores, comunicando uma distribuição de responsabilidades a partir do financiamento.

Com a competição iniciada outras necessidades de financiamento recaem sobre as diretorias das equipes. Apesar de na formação da equipe ser necessário a compra de bolas novas, numa competição como esta que estou mencionando como exemplo (da Liga Viamonense), assim como ocorre noutras, essa despesa aparece recorrentemente, pois a bola é um item que se perde com a não devolução em caso de cair em determinadas residências e também em alguns lugares onde o matagal faz parte do cenário de jogo. Uma equipe considerada organizada, entre outros aspectos, é aquela que conta com bolas novas para repor.

Nessa mesma linha de representação da organização e seus vínculos com o financiamento por parte dos dirigentes está a ‘caixinha’ de medicamentos. Pela minha experiência e observação ao longo da pesquisa, os jogadores inicialmente não valorizam essa contribuição, porém, infelizmente são frequentes a ocorrência de lesões nestes campeonatos. Estar preparado para isso é fundamental, sendo que ao longo da competição o investimento na prevenção passa a ser reconhecido em um dos elementos que valoriza o dirigente e a própria equipe.

Outro aspecto para o qual chamo a atenção, pela frequência com que observei, foi o investimento dos dirigentes em recarga de telefone. Nos dias de jogos muitas ligações são realizadas e recebidas, várias delas ‘a cobrar’. Estar apto para ligar faz até mesmo com que se ganhe um determinado jogo, pois uma mensagem ou ligação não recebida de um jogador fundamental com dificuldade de deslocamento decide um jogo. Nesse sentido, também está nos horizontes dos dirigentes ter que abastecer com um mínimo necessário de gasolina o seu veículo próprio para que alguns jogadores possam ir ao jogo, ou, em outros casos, ter que buscar um importante membro da equipe que tenha dificuldade de deslocamento.

Está na conta da diretoria, nas competições, a lavagem dos uniformes, porque a taxa de jogo vai diretamente para o pagamento do campo e aumenta mais a taxa dos juízes que agora são 3 (juiz principal e 2 auxiliares), portanto não é possível contar com colaboração dos

jogadores para o pagamento da lavagem dos uniformes, já que os recursos arrecadados com eles são destinados integralmente para o custeio do campo e do trio de arbitragem.

Por fim, pelo que pude observar, o *cooler* se mostra um equipamento relevante para o armazenamento do gelo, para lesões e também para gelar algumas águas e cervejas. E, por falar em cerveja, no final de cada jogo a diretoria sempre é instigada a pagar algumas cervejas para os jogadores, sobretudo nos casos de vitórias. Em alguns casos até mesmo um churrasco é feito para comemorar vitórias ou classificações, não somente em caso de título. Se espera de um ‘bom dirigente’ de equipe, e de uma ‘equipe organizada’ reconhecida no cenário futebolístico das competições, guardadas as diferenças entre as suas fases, que esse tipo de investimento na forma de incentivo esteja presente.

Os elementos que pontuei acima trataram de investimentos/custos numa competição, o que se manifesta de maneira distinta nos jogos amistosos. Embora os gastos sejam menores nas partidas amistosas, elas existem e vale a pena trazer alguns aspectos para sua caracterização. As taxas de jogo pagas pelos jogadores geralmente cobrem os custos com o campo, juiz e lavagem de uniformes, mas acontecem situações em que os dirigentes necessitam custear a taxa de algum jogador que está com dificuldade financeira e até mesmo em gastos com caronas, empréstimos de chuteiras e pagamento de cerveja pós-jogo.

Trago um exemplo da situação em que o dirigente é levado a colaborar nas taxas de um jogador. Trata-se do caso do jogador Sandro do Amigos da Florescente que, no dia 04/10/2020, no jogo contra Bellator no campo do Alvinegro, não dispunha de R\$ 20,00 para o pagamento da taxa de jogo e não queria participar deste jogo pois não tinha condição financeira no domingo anterior e não achava justo participar do segundo jogo sem pagar. O detalhe que tornava a situação ainda mais dramática é que o referido jogador é capitão da equipe e considerado fundamental pela sua liderança, determinação e qualidade técnica. O dirigente Rubens não teve dúvidas e fez o que se considera esperado: pagou os R\$ 20,00 do seu bolso e assim a equipe foi para o jogo. Ao longo da pesquisa notei várias situações semelhantes, não apenas em relação aos jogadores considerados melhores, aqueles que fazem a diferença, mas também a respeito daqueles que ‘têm crédito’ com ‘a diretoria’ pelo seu compromisso para com a equipe.

Além das taxas (campo, juiz e lavagem do fardamento) os gastos com churrasco e cerveja também se apresentam para os dirigentes, mesmo nos amistosos. Nas equipes que participei e acompanhei, quase sempre foram gastos considerados de responsabilidade dos dirigentes, o que não significa que todo o recurso saia de seu bolso. Muitas vezes ocorreram sobras de cada jogo (a partir da arrecadação entre os jogadores, seja durante o jogo ou das mensalidades – ‘do saldo do caixa’) e este dinheiro foi usado em um determinado momento

para um churrasco que é tomado como momento fundamental para a construção e manutenção da equipe. Em várias situações, se não há dinheiro em caixa, os membros da diretoria acabam levando cada um pedaço de carne e o churrasco sai de qualquer forma. Além disso alguns jogadores sempre estão dispostos a contribuir.

Da mesma forma que trouxe a respeito dos gastos dos dirigentes nas competições sistematizadas, com base nos dados disponíveis nos diários de campo, desenvolvi a tabela 4 para descrever tais gastos na situações dos jogos amistosos.

Tabela 4 - Conjunto de investimentos feitos por dirigente de equipe e suas finalidades, tendo em vista jogos amistosos.

OBJETIVO	FINALIDADE	VALOR
Saco de Gelo	Proteção	R\$ 5,00
Taxa Extra	Ajudar jogadores	R\$ 40,00
Bandagens	Caixinha de Medicamentos	R\$ 10,00
Combustível (por jogo)	Deslocamento ao Campo	R\$ 20,00
Recarga de Telefone	Comunicação Apta	R\$ 20,00
Água / refrigerante	Hidratação	R\$ 20,00
Cerveja pós jogo	Resenha	R\$ 50,00
Churrasco*	Resenha e comemoração	R\$ 200,00
TOTAL DE INVESTIMENTOS DOS DIRIGENTES		R\$ 365,00

* Uma vez por mês

Fonte: elaboração própria a partir dos diários de campo.

A diferença de valores, quando se trata de um jogo amistoso, é bem menor, quando comparado aos custos com a equipe numa competição. Ainda, se retirarmos o valor destinado ao churrasco, o custo semanal dos dirigentes não ultrapassa R\$ 150,00, pensando sempre que as taxas destinadas a cerveja, água, refrigerante, bandagens e gasolina podem variar muito ou até mesmo não acontecer. A taxa extra é aquela destinada ao pagamento de contribuição de algum atleta sem condições financeiras em determinado jogo. Lembrando que em alguns jogos pode ser mais de um atleta. Cheguei a presenciar que entre 15 atletas, somente 5 contribuíram com a taxa do jogo e a diretoria ou neste caso somente um diretor pagou de seu bolso o equivalente a R\$ 130,00 para o pagamento do campo e juiz. Este caso aconteceu no ano de 2018, em um jogo no campo da Feta, entre Colorado x São Cristóvão, onde o valor do campo e juiz era de R\$ 250,00 e foram arrecadados somente R\$ 120,00 e ficou a cargo de um diretor a complementação desta despesa.

* * * * *

É imperioso, com base naquilo que foi descrito até aqui, notar que um diretor ou presidente de equipe tenha que contribuir semanalmente com recursos que muitas vezes farão falta até mesmo para o lazer e diversão de sua própria família. Vivenciei situações semelhantes como dirigente e apoiador à frente da equipe Lisboa, nos anos de 2018 e 2019. Mas aqueles que se habilitam aos lugares de dirigentes e presidentes das equipes já sabem, de antemão, a existência dessas necessidades de custeio, o que pode variar de acordo com algumas condições, conforme sintetizo no quadro 3.

Quadro 3 - Aspectos e categorias que se relacionam com o pagamento de taxas ou de custos pelos dirigentes/presidentes de equipes

ASPECTOS	CATEGORIAS
Quantidade de árbitros (trios)	Arbitragem
Valor da inscrição em competições	Contexto dos jogos
Combustível para deslocamentos	Deslocamento
Aquisição de fardamentos (quantidade)	Equipamentos
Equipamentos (cooler, bolsa, bolas)	Equipamentos
Primeiros socorros (pomadas, analgésicos, bandagens)	Equipamentos
Créditos de telefone	Jogadores
Gelo, cerveja e/ou churrasco	Jogadores
Taxas extras (auxílio a jogadores)	Jogadores

Fonte: elaboração própria

Ao procurar relacionar isso que foi apresentado no subcapítulo sobre financiamento por parte dos dirigentes com outra pesquisa, identifiquei o estudo realizado por Lopo (2008), no qual o aborda o time do Flamenguinho. Ao realizar suas observações e desenvolver entrevistas, o autor trata dos desafios dos dirigentes da equipe para conseguir manter esse universo de sociabilidade no contexto urbano de Porto Alegre.

No estudo de Myskiw (2015), o pesquisador, ao tratar das tradições varzeanas relacionadas a composição e manutenção de times de futebol num circuito da cidade de Porto Alegre, desenvolve uma análise sobre a categoria ‘diretoria’ bastante importante para a sua compreensão. Uma das conclusões do autor foi a de que ‘as diretorias’ eram formadas por pessoas ou pequenos grupos que se caracterizavam justamente por imbricar a ‘vida dos times’ com a ‘vida pessoal’, ou seja, os times deixavam de ser apenas projetos esportivos, eram igualmente familiares e, em alguns casos, comunitários.

3.3 Financiamento relacionado à realização de rifas e eventos

Outra fonte importante de financiamento das equipes de futebol de várzea, tal como pude perceber, são os eventos realizados para arrecadar recursos. As dificuldades financeiras dos jogadores são determinantes nessa necessidade de realização de eventos para custear despesas com materiais ou com taxas eventuais, ao mesmo tempo evitando que tais recursos sejam de responsabilidade única dos dirigentes.

Entra em cena a disponibilidade e principalmente a criatividade dos diretores e até mesmo dos jogadores, dos amigos e familiares em buscar estes recursos de alguma forma diferente de arrecadações, em relação às contribuições semanais ou patrocínios (tratarei dele mais adiante). Rifas, ‘galeto’, torneios e festas são estratégias geralmente colocadas em ação por equipes com o intuito de arrecadar recursos que serão usados em um futuro próximo para adquirir equipamentos novos como bolas, chuteiras, *coolers* e até mesmo para o conserto e manutenção de fardamentos que com o passar do tempo vão rasgando e se deteriorando e precisam ser consertados ou substituídos para se manter um padrão e não fazer feio.

3.3.1 Rifas

Pelo que pude notar e registrar, as rifas são bastante usadas e entre os membros das equipes. Contudo, elas nem sempre são vistas com bons olhos, sobretudo pelos jogadores, porque eles já têm que manter o pagamento de taxas semanais e uma rifa coloca mais uma responsabilidade: vender os números. Isso faz com que, não raramente, os jogadores tenham que colocar do seu próprio bolso o valor necessário para completar a cartela ou tenham que mobilizar familiares e amigos na venda dos números.

Mas, na perspectiva dos dirigentes, considerando a arrecadação para o time, essa é considerada uma estratégia que funciona. Geralmente são 1000 números a serem vendidos. Em um prêmio de uma camiseta da dupla grenal, por exemplo, como numa das rifas que acompanhei, que custou em média R\$ 150,00 um modelo antigo, pode-se vender cada número a R\$ 2,00 e pensar numa margem de arrecadação de 500 números vendidos. Ao final se ganha R\$ 700,00 com a rifa, descontando o valor da impressão das cartelas que sai em torno de R\$ 150,00. Esse valor final é direcionado totalmente para o caixa da equipe.

Esses cálculos matemáticos descritos assim, de maneira simples, escondem a grande dificuldade e o enorme esforço dos dirigentes para que os jogadores aceitem, entendam e se empenhem na venda dos números em benefício do time. Em algumas situações, ao longo da

pesquisa presenciei dirigentes conversando e cobrando jogadores sobre a venda dos números e a entrega dos valores.

3.3.2 Galetos

Além das rifas, ‘os galetos’ – frango assado no espeto –, antes da pandemia, funcionaram bem. Por exemplo, em 2019, no dia 29 de setembro, um sábado, a equipe Lisboa, tradicional agremiação de Viamão e com raízes em Porto Alegre, mais precisamente no Campo da Tuka, organizou ‘um galetto dançante’ na sede do Clube, com o intuito de buscar recursos para conseguir comprar para o time feminino um fardamento novo e ainda adquirir a tão sonhada mesa de sinuca para a sede da equipe. A diretoria integrada pelos dirigentes Samir Vaz, Tadeu Vaz e Selmar Vaz, juntamente com apoiadores, conseguiu um apoio de uma gráfica e não teve custos na confecção dos tíquetes para a venda ‘do galetto’. Isso já foi considerado uma grande ajuda.

Mas, além da venda, a elaboração e preparação de toda a comida necessária não é tarefa fácil, requer alguém de conhecimento para preparação e compra de todos os ingredientes. O senhor Moacir Lima dos Santos que trabalha no restaurante Grelhatos em Porto Alegre, como cozinheiro, se colocou a disposição para ajudar a equipe, já que é um dos seus torcedores mais fiéis. Planejou o gasto para ‘um galetto’ para 200 pessoas e seus custos. Enquanto isso, as vendas ‘do galetto’ aceleraram entre a comunidade, pois havia a necessidade de vender muitos antes para a compra dos ingredientes, que não eram baratos. A ideia era arrecadar R\$ 5.000,00 só com ‘o galetto’ e ainda mais R\$ 2.000,00 com cerveja, que não estava inclusa ‘no galetto’ (somente refrigerante e água estavam inclusos para quem adquirisse o tíquete). Esse lucro líquido foi calculado retirando do saldo bruto o valor para a compra dos ingredientes para a preparação de ‘um galetto’ de qualidade para seus simpatizantes e ainda das bebidas para tal.

‘O galetto’, como mencionei, foi ‘dançante’, o que significa que contou com uma banda de pagode que animou a noite e trouxe para a comunidade um pouco de dança e diversão. As mobilizações relacionadas ao futebol de várzea, nesse caso, criaram oportunidades de lazer mais ampliado para a comunidade. As vendas começaram no mês de junho e contou com a participação dos atletas que tinham ‘a missão’ de vender ‘os galetos’ para seus familiares e amigos ao custo de R\$ 25,00 por pessoa, incluindo, como descrito, refrigerante, água e o som ao vivo de pagode.

Na noite do sábado agendado, ‘o galetto’ foi servido em pratos de vidro com uma porção de frango, polenta, salada de batata com ovos, salada verde com tomates e arroz branco.

Inicialmente isso foi feito em porções individuais, mas as pessoas poderiam ‘repetir o prato’. ‘O galetto’ foi considerado um sucesso pelos organizadores e pelas pessoas que vivenciaram aquele lazer da/na comunidade, até porque a banda animou os participantes e o organização teve que buscar mais cerveja, o que gerou um lucro adicional bruto de R\$ 400,00 com a venda de mais 80 latões a R\$ 5,00 cada. Foram vendidos também os 400 latões comprados inicialmente que geraram um lucro bruto de R\$ 2.000,00. A venda ‘do galetto’ gerou um lucro bruto de R\$ 5.000,00 totalizando, com a venda de cerveja, um lucro bruto de R\$ 7.400,00.

Descontados os R\$ 2.860,63 destinado a compra dos insumos e bebidas (ver mais detalhes na tabela 5 abaixo), o lucro líquido do galetto dançante foi de R\$ 4.539,37, o que, repito, fez o evento ser considerado um sucesso absoluto. As metas foram atingidas com o evento acima do esperado e o dinheiro foi logo utilizado para a aquisição do tão sonhado fardamento da equipe feminina e para a compra da mesa de sinuca para a sede.

Tabela 5 – Descrição de custos dos insumos para ‘o galetto’ com bebidas inclusas.

INGREDIENTES	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	FINALIDADE
Batata Inglesa	40 kilos	R\$ 3,99	R\$ 159,60	Salada
Frango	100 kilos	R\$ 6,99	R\$ 699,00	Galetto
Arroz	20 kilos	R\$ 3,00	R\$ 60,00	Complemento
Tomate L. Vida	10 kilos	R\$ 3,50	R\$ 35,00	Salada/Tempero
Cebola	5Kg	R\$ 2,50	R\$ 12,50	Salada/Tempero
Alface	10 pés	R\$ 0,80	R\$ 8,00	Salada
Alho	2 kilos	R\$ 4,99	R\$ 9,98	Tempero
Sal	2 kilos	R\$ 1,20	R\$ 2,40	Tempero
Óleo de Soja	5 latas	R\$ 3,69	R\$ 18,45	Preparação
Amido de Milho	8 kilos	R\$ 2,20	R\$ 17,60	Polenta
Tempero Verde	8 molhos	R\$ 0,70	R\$ 5,40	Tempero
Guardanapo	10 pcts pq	R\$ 0,80	R\$ 8,00	Limpeza
Refrigerante	200 litros	R\$ 2,99	R\$ 299,00	Bebida
Água Mineral	80 litros	R\$ 1,15	R\$ 92,00	Bebida
Ovos	8 dúzias	R\$ 3,50	R\$ 28,00	Salada
Gás	1	R\$ 63,00	R\$ 63,00	Preparação
Água	500 litros	R\$ 0,23	R\$ 11,50	Venda/preparação
Cerveja Polar	400 latas	R\$ 2,69	R\$ 1.116,00	Venda
Cervaja Extra	80 latas	R\$ 2,69	R\$ 215,20	Venda
TOTAL DOS CUSTOS			R\$ 2.860,63	

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

O que essa tabela não expressa é o trabalho comunitária em prol do Clube. Foram relacionados todos os gastos possíveis com a produção e preparação dos galetos. Esses dados, centavo-por-centavo, muito bem organizados foram anotados pelo presidente do Clube, senhor Tadeu Vaz, em um caderno. Gentilmente ele disponibilizou estas anotações e cálculos para minha pesquisa. Porém, além deles, o que não aparece é que haveria um custo muito maior se a mão de obra para tanto não fosse voluntária. Pelo menos 10 pessoas, coordenadas pelo do

senhor Moacir Lima, desde muito cedo naquele sábado, prepararam e ajudaram a servir à noite ‘o galeto’, além dos próprios jogadores e alguns familiares que ajudaram na montagem e limpeza do salão e dos pratos enquanto serviam o mesmo. Este trabalho nos traz a mensagem de contribuição participativa, o que muitas vezes é mais valioso do que uma contribuição financeira. Nem é possível mensurar o custo que teríamos em mão de obra na produção total do galeto. É incalculável o gesto.

Com esse esforço coletivo e comunitário, o fardamento completo com a bandeira na cor rosa para a equipe feminina foi adquirido pelo valor de R\$ 1.945,00 e a mesa de sinuca foi adquirida pelo valor de R\$ 1.950,00 à vista com desconto de R\$ 100,00 reais, já que a mesa era vendida a R\$ 2,050,00 reais. Missão considerada plenamente cumprida, com o adicional de R\$ 645,00 destinados para saldo do Clube, coisa que em muitos anos não havia ocorrido. Esse saldo foi utilizado para a compra de 3 bolas novas que custaram R\$ 260,00 e ainda um *cooler* novo, que custou R\$ 100,00. O restante (R\$ 285,00) foi utilizado pela diretoria no jogo seguinte, para a realização de um churrasco na sede, com a finalidade de comemorar a aquisição do fardamento feminino e principalmente jogar na mesa de sinuca novíssima adquirida com ‘o galeto’.

3.3.3 Torneios

Da mesma forma que ‘os galetos’, os torneios são uma fonte de renda que pode agregar um saldo considerável para a equipe organizadora. Entretanto requer uma organização prévia de custo e despesa para o bom andamento do torneio e principalmente para a obtenção de algum lucro líquido final. Nesse sentido, aponto como exemplo o torneio realizado no dia 02/12/2018 pela equipe do Atlético Saiberra de Viamão, no campo do Novo Lar. Além de organizar, esse time colocou sua equipe de categoria livre na disputa do torneio, o que lhe possibilitava ganhar e angariar recursos para a compra de materiais esportivos novos.

O planejamento prévio descrito pelos organizadores foi necessário para uma melhor visualização do que se poderia gastar e o que poderia restar de lucro com este torneio. Abaixo segue a tabela 6 demonstrativa com os valores necessário para a realização do torneio.

Tabela 6 – Despesas listadas pelas equipe do Atlético Saibrera de Viamão para realização de torneio.

ITENS GASTOS	TEMPO/QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Aluguel do Campo	Das 8:00 às 18:00	Desconto/ Parceria	R\$ 600,00
Juiz	Todos os jogos	Desconto Parceria	R\$ 300,00
Troféus	1 para o campeão	R\$ 80,00	R\$ 80,00
Medalhas	50 unidades	R\$ 0,70	R\$ 35,00
Medalha Goleador	1 para o Goleador	R\$ 2,00	R\$ 2,00
Medalha Goleiro	1 para o Goleiro	R\$ 2,00	R\$ 2,00
Troféu Disciplina	1 para equipe mais disciplinada	R\$ 40,00	R\$ 40,00
TOTAL DAS DESPESAS:			R\$ 1.059,00

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

O torneio contou com a participação de 8 equipes (Atlético Saibrera de Viamão; Paris do Morro de Porto Alegre; Benfica FC de Viamão; Santa Fé de Viamão; Chapa Quente de Viamão; União da Vila de Viamão; Águia de Viamão; Boka Braba de Porto Alegre). A fórmula de disputa foi ‘todos contra todos’, ou seja, 7 jogos de 30 minutos para cada equipe e o campeão seria a equipe que tivesse no final o maior número de pontos nos 7 jogos, sem final. A premiação ocorreu com troféu e medalhas para o primeiro colocado e medalhas para o segundo, além do troféu disciplina para a equipe mais disciplinada e medalhas especiais para o goleador e o goleiro menos vazado.

Cada equipe pagou o valor de R\$ 350,00 de taxa de inscrição para a participação em 7 jogos de 30 minutos cada, já incluído o valor ‘do campo’ e ‘da arbitragem’. A arrecadação bruta, portanto, totalizou R\$ 2.800,00. Subtraindo o valor gasto com o campo, premiação e juiz, o lucro líquido da equipe Atlético Saibrera foi de R\$ 1.741,00 reais, o que foi considerado pelos seus dirigentes um ótimo valor para um domingo de sol.

A exemplo do que descrevi sobre ‘o galetto’, também nesta tabela não estão descritos valores relacionados ao trabalho de várias pessoas envolvidas na organização, pois elas estiveram engajadas voluntariamente, o que deve ser destacado no sentido dos esforços de financiamento comunitário. Sendo assim, o lucro alcançado foi superior ao necessário na aquisição dos materiais esportivos desejados. O dinheiro foi direcionado para a compra de bolas e meias novas para a equipe e ainda restou um saldo positivo de R\$ 680,00, valores estes utilizados, conforme informou o diretor da equipe, ao longo do ano de 2019 na realização de jogos amistosos e deslocamento, bem como de churrascos e comemorações.

Vale destacar também a parceria com o responsável pelo campo. Do lado do Atlético Saibrera foi importante na medida em que pagou um a taxa menor do campo de jogo (foi cobrado o valor de R\$ 600,00 pelo dia todo) e, do lado do gestor do campo, também foi importante para que ele pudesse divulgar seu espaço para o aluguel de horários, uma vez que o

campo do Novo Lar até então não era muito utilizado para o este fim. A partir dai o campo ficou mais conhecido e todos acabaram ganhando.

Da mesma forma, o juiz cobrou um valor menor também em forma de parceria, pois seria futuramente chamado para apitar os jogos destas equipes e outras mais e assim ganhar com isso, além de participar como convidado de um churrasco promovido pela equipe organizadora no intervalo de jogo. Portanto, nesse enredo de parcerias comunitárias, o evento não foi um sucesso apenas para a equipe organizadora, também o foi para os parceiros. A equipe vencedora foi a do Benfica FC que no final do torneio obteve o maior número de pontos. O goleiro menos vazado foi Taygor do Benfica FC. O goleador foi David do Atlético Saibrera com 8 gols e o troféu disciplina foi para a equipe do Santa Fé, com o menor número de cartões amarelos e nenhuma expulsão.

3.3.4 Festas

As festas, entre elas os bailes, são também fontes de arrecadação e financiamento das atividades do futebol de várzea. Mas, por parte dos organizadores são vistas com ressalvas e até mesmo com receio, tendo em vista a possibilidade de ocorrência de eventos não desejáveis (confusões, brigas, etc.). Como jogador e dirigente já presenciei isso algumas vezes e soube de outras através das conversas.

Uma das festas que, ao longo da pesquisa, pude obter dados foi realizada no dia 16 de março de 2019, pela equipe do Bagé, na sua sede na praça Tamandaré. Tratou-se de um baile para arrecadar fundos com o objetivo de comprar um fardamento novo e concertar os banheiros e a cozinha daquele espaço público que era considerado ‘sua sede’. O baile contava com uma banda de samba e pagode de veteranos, já que o público foi em sua maior parte formado por pessoas da terceira idade. Foram vendidas cervejas em latão a R\$ 6,00, refrigerantes a R\$ 5,00 e água a R\$ 4,00. De acordo com um dos organizadores (seu Valdir, diretor da equipe do Bagé), cada cerveja foi comprada a R\$ 2,59 a unidade na promoção (Polar e Itaipava), refrigerantes a R\$ 1,99 a unidade (Pepsi e Guaraná) e cada água a R\$ 1,89.

O baile começou às 21 horas e terminou por volta das 02 horas da madrugada, avaliado positivamente tanto pelo seu êxito financeiro, considerando o volume de venda de bebidas, quanto pelo seu um sucesso de lazer, levando em conta diversão observada e, sobretudo, a ausência confusão (aquilo que sempre preocupava). Apesar de ser até mais simples de realizar do que ‘o galetto’ como descrevi acima, um baile sempre causa receio pelos riscos de confusão. Contudo, nesse caso do evento realizado pelo Bagé, tudo transcorreu conforme esperado e foi

observado um lucro excelente se considerarmos que ele foi obtido apenas pela venda de bebidas. As bebidas tiveram um custo anterior para a compra das mesmas, mas a logística de compra e deslocamento para é muito menor comparado a preparação de ‘um galetto’.

Haveria o custo adicional da energia para a luz elétrica utilizada no baile e para manter o ambiente iluminado, para o resfriamento das bebidas e para os equipamentos de som. Esse custo, entretanto, não foi computado pelo seu Valdir, diretor da equipe do Bagé. Ele afirmou que isso ocorreu porque a conta de luz ‘do clube’ – com sede numa praça pública – nunca subiu consideravelmente, nem mesmo quando acontecem eventos como este.

A seguir, na tabela 7, relaciono os gastos com a compra de bebidas para o evento e o lucro líquido total.

Tabela 7 – Despesas para a realização do baile organizado pelo Bagé.

BEBIDAS	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Cerveja Polar	200 unidades	R\$ 2,59	R\$ 518,00
Cerveja Itaipava	200 unidades	R\$ 2,59	R\$ 518,00
Refrigerante Pepsi	80 unidades	R\$ 1,99	R\$ 159,20
Refrigerante Fruki	80 unidades	R\$ 1,99	R\$ 159,20
Água com Gás	70 unidades	R\$ 1,89	R\$ 132,30
Águas sem Gás	70 unidades	R\$ 1,89	R\$ 132,30
TOTAL:	700 unidades	TOTAL:	R\$ 1.619,00

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

Diferente ‘do galetto’ que envolve alimentos para a venda, o investimento em bebidas dificilmente é perdido, pois mesmo sobrando (não vendidas), como foi o caso, ficam as bebidas para um outro momento. No baile do Bagé, conforme informações do dirigente disponíveis na tabela 8, foram vendidas as seguintes bebidas:

Tabela 8 – Receitas oriundas da venda de bebidas no baile realizado pela equipe Bagé.

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Cerveja	376	R\$ 6,00	R\$ 2.256,00
Refrigerante	130	R\$ 5,00	R\$ 650,00
Água mineral	90	R\$ 4,00	R\$ 360,00
TOTAL DE RECEITAS:			R\$ 3.266,00

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

O saldo bruto total do baile foi de R\$ 3.266,00. Subtraídos os gastos com a compra das bebidas (um total de R\$ 1.619,00), o lucro líquido foi de R\$ 1.647,00. Vale ressaltar que somente foi possível esse lucro porque não houve gasto com a banda, já que ela era formada por integrantes atuais do Bagé e principalmente por integrantes da ‘velha guarda’ da equipe.

Segundo seus integrantes, esse Clube foi fundado no ano de 1934. Portanto, no ano de 2019 (ano de realização do baile) a equipe completaria 85 anos de existência. O diretor Valdir relatou que muitos se emocionaram no baile, num clima de nostalgia, relembrando os bons jogos da equipe e os bailes realizados ao longo dos muitos anos de existência a agremiação.

O saldo líquido, conforme planejado, foi utilizado para as reformas dos banheiros e da cozinha, bem como a compra de materiais esportivos novos, que são sempre bem vindos em uma equipe de várzea.

* * * * *

No quadro 4 desenvolvo o mesmo exercício das seções anteriores, isto é, de retomar as descrições para identificar aspectos que se relacionam com a necessidade de maior ou menor volume de recursos financeiros quando a fonte está baseada nas rifas e eventos (galetos, torneios e festas).

Quadro 4 - Aspectos e categorias que se relacionam com o financiamento baseado na realização de rifas, 'galetos', torneios e festas.

ASPECTOS	CATEGORIAS
Parcerias com árbitros	Arbitragem
Mobilização de familiares e amigos	Desoneração de dirigentes e/ou jogadores
Participação de jogadores e comunidade	Desoneração de dirigentes e/ou jogadores
Equipamentos (fardamentos, cooler, mesa de sinuca)	Equipamentos
Engajamento dos jogadores na venda	Jogadores
Premiação de competições	Jogadores
Reforma da sede	Reforma, reserva e/ou aluguel
Parcerias com donos dos campos (aluguel)	Reforma, reserva e/ou aluguel
Espaço para festa	Reforma, reserva e/ou aluguel

Fonte: elaboração própria

A literatura sobre o futebol amador aponta esse tipo de financiamento baseado em eventos e mobilização comunitária já desde o início do século XX. É o caso da Associação Atlética Anhanguera, clube da cidade de São Paulo fundado em 1928 e até hoje atuando. No estudo realizado por Silva (2011) sobre essa Associação, a autora analisa na perspectiva dos estudos historiográficos o envolvimento com o futebol de várzea de São Paulo, demonstrando que isso ocorre de maneira articulada, inclusive financeiramente, com outras oportunidades de lazer da população, entre elas jogos de mesa (truco, damas), jantares, bailes e outros eventos.

Outro estudo que aponta para uma dimensão econômica vinculada ao futebol de várzea foi realizado por Scifoni (2013), a respeito de um parque da cidade de São Paulo. A autora

analisa a luta dos dirigentes e presidentes de clubes que costumeiramente jogavam no Parque do Povo e tiveram que sair do local por vontade política e pressão da construção civil e iniciativa privada. Frente a isso, muitos pequenos comerciantes que administravam as ‘copas’ para a venda de bebidas e alimentação ficaram sem aquela renda, tendo que buscar outras alternativas para seu sustento, além é claro do não incentivo do esporte amador da periferia, transformando o Parque em um parque de elite.

Vale mencionar, o trabalho de Myskiw (2012) sobre o futebol de várzea de Porto Alegre, no qual o autor mostra como a organização das práticas futebolísticas ocorrem de maneira intimamente relacionada com os dramas e as tramas das comunidades. O autor sustenta que são essas relações comunitárias (mobilizações de familiares, amigos, vizinhos, colegas, conterrâneos, etc.) que colaboram substancialmente para a manutenção dos espaços e das possibilidades de continuar jogando futebol.

3.4 Financiamento relacionado à patrocínios de empresas

Por último, no que diz respeito às fontes de financiamento, abordo a existência de patrocínios. Ao longo da pesquisa observei a presença de aportes financeiros para as equipes/clubes advindos de empresas, principalmente direcionados ao custeio de despesas relacionadas aos fardamentos, ainda que em parte. Um fardamento considerado adequado e de qualidade para uma equipe de futebol de várzea inicia com o valor aproximado de R\$ 1.200,00, levando em conta uma confecção simples e sem meias. Somente camisetas e calções. Um fardamento considerado mais elaborado, com logotipo nas meias e tecido mais duradouro custa em torno de R\$ 2.500,00, que podem ser parcelados ou com desconto à vista.

Nas vezes em que notei a presença de patrocinadores foi relacionado à aquisição dos fardamentos, na medida em que eles ofertam uma boa possibilidade de visibilidade de suas marcas/produtos/serviços. Algumas equipes observadas possuem diversos patrocinadores e, dessa forma, as camisas acabam ficando com mais logotipos de pequenas empresas do que a própria cor do uniforme. Nesses casos, ocorre uma divisão das contribuições diferentes em relação a aquisição total dos uniformes das equipes. Porém, também presenciei, em vários outros casos, a existência de um patrocinador exclusivo.

Um dos casos que acompanhei e registrei em diários de campo envolveu a aquisição de um fardamento novo pela equipe do Santa Fé, o que foi patrocinado pela empresa de entretenimento Morada dos Bugios. Essa empresa pagou R\$ 1.300,00 para a compra de um fardamento com calções e camisas. Em contrapartida, o logotipo da empresa ficou estampado

em destaque na parte frontal das camisetas e em um dos lados dos calções. A diretoria e os jogadores demonstravam sua satisfação em relação a essa aquisição.

Outra situação que pude acompanhar foi o da equipe Amigos da Florescente, que possui 3 fardamentos completos e, não contente, continuava buscando patrocínios e apoiadores para uma eventual nova aquisição de uniformes. É aí que entra o patrocinador na várzea, no custeio dos fardamentos das equipes. Pelo que consegui observar, os patrocinadores não contribuem semanalmente ou mensalmente com a equipe, mas proporcionam um alívio financeiro geralmente no início de temporadas ou competições, com o aporte financeiro necessário para colocar à disposição um ‘manto novo’, como os dirigentes gostam de chamar.

A relação de patrocínio no futebol de várzea não considera apenas a visibilidade da marca/produto/serviço da empresa que faz o investimento. Ela envolve a credibilidade, a reputação do time/agremiação. Conversando com dirigentes sobre essa questão, eles explicaram que uma grande preocupação das empresas é o de não associar suas marcas com equipes que arrumam confusão, que se envolvem em brigas nos campos. Há a compreensão de que os empresários buscam colocar recursos financeiros em equipes que demonstram trajetórias e potencial para chegar em fases finais de torneios e campeonatos, isto é, aquelas fase que chamam mais atenção e resultam em mais visibilidade. Contudo, existe uma compreensão e preocupação anterior a isso, a necessidade de não ter a marca/produto/serviço da empresa relacionada com eventos considerados desagradáveis ou ilícitos, sendo de enorme relevância aos dirigentes das equipes, no momento de captar os recurso com patrocinadores, demonstrarem que se trata de uma agremiação que lhe passe confiança, respeito e credibilidade.

Um dos esforços de dirigentes e empresários nesse sentido que acompanhei envolve a relação de patrocínio entre a empresa Morada dos Bugios e a equipe do Santa Fé. Segundo os relatos do presidente da equipe, o patrocínio foi possível pelo respeito e honestidade adquiridos com o passar dos anos pela equipe do Santa Fé. Segundo ele, isso não se constrói do dia para a noite. A equipe Santa Fé representa um grupo familiar e residencial, formada por amigos de infância que buscaram um sonho e estão alcançando passo a passo seus objetivos. Como citei anteriormente isto não acontece do dia para a noite.

No que diz respeito à confecção dos fardamentos financiados por patrocinadores, vale a pena trazer alguns dados relacionados à equipe Amigos da Florescente. Ao longo da pesquisa, especificamente no ano de 2019, acompanhei o esforço dos dirigentes em buscar patrocinadores que pudessem ajudar a mesma na aquisição de um fardamento novo. Na tabela 9 descrevo o resultado desses esforços. O valor total de captação de recursos através de patrocínios foi considerado como alto/significativo. Em 2020, explicou-me o diretor dessa equipe, com a

pandemia, dificilmente se conseguiria estes valores em decorrência das dificuldades financeiras de pequenos e médios empresários, em vários casos ocorrendo o fechamento por meses de suas pequenas empresas.

Tabela 9 – Relação de patrocinadores da equipe Amigos da Florescente para a aquisição de fardamento, valores do investimento e posicionamento da logomarca.

EMPRESA	LOCAL DA MARCA	VALOR
Ilha Ar Condicionados	Costas/ acima do N	R\$ 350,00
Via Net	Mangas	R\$ 200,00
Toni Motos	Frontal/ camisa	R\$ 680,00
Cesi Viamópolis	Costas/ abaixo do N	R\$ 400,00
Bomba Motos	Calções	R\$ 180,00
TOTAL DE RECURSOS CAPTADOS:		R\$ 1.810,00

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

A partir dessa captação, os dirigentes da Amigos da Florescente procuraram a empresa Escorpion Uniformes da cidade de Viamão. Essa organização, juntamente com os dirigentes da equipe, planejou, moldou e confeccionou os fardamentos, colocando, em destaque os 5 patrocinadores. Na tabela 10 apresento os valores finais cobrados pela empresa Scorpoion por cada item do fardamento.

Tabela 10 – Descrição dos valores do fardamento adquirido pela equipe Amigos da Florescente na empresa Scorpion Uniformes.

ITEM	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Camisetas	25	R\$ 45,00	R\$ 1.125,00
Calções	25	R\$ 27,00	R\$ 675,00
Meias	25 pares	R\$ 12,50	R\$ 312,50
Bandeira*	01	R\$ 100,00	R\$ 0,00
TOTAL:			R\$ 2.112,50

* Brinde ofertado pela empresa.

Fonte: elaboração própria com base em dados de diário de campo.

Nota-se que o valor total do custo do fardamento completo (camisas, calções e meias) foi superior ao valor arrecadado com os patrocínios. Nesse caso, a diferença de R\$ 302,50 foi dividida entre os 4 diretores da equipe Amigos da Florescente. Cada um contribuiu com R\$ 75,00, valor esse, conforme relatado, ‘pago com gosto’ pelos diretores diante dos benefícios que traria para a equipe.

A partir das descrições dos casos, passei a compreender que o ‘alívio financeiro’ que esses patrocínios ofertam para as equipes são de suma importância para elas. Se esse custo fosse computado como despesa da diretoria no decorrer do ano, poderia inviabilizar a manutenção da equipe nos jogos semanais. Portanto, mesmo que nem um único centavo do valor arrecadado

com os patrocinadores tenha sido direcionado para o pagamento de taxas e deslocamentos de jogos semanais, esses valores trouxeram um ‘alívio’ nas contas da equipe, possibilitando, a partir daí, um foco dos dirigentes no custeio semanal de gastos com o campo, juiz e deslocamentos.

O custeio do fardamento por parte dos próprios jogadores também não têm uma boa avaliação, nem por parte dos jogadores, nem dos dirigentes. Nas conversas e nas próprias experiências como jogador e dirigente, percebi que nem todos os jogadores contribuem, por várias razões, como já descrevi na primeira seção deste capítulo. Além disso, seria possível cogitar que aqueles que contribuem se achariam no direito de levar a sua parte do fardamento em caso de saída da equipe, como já vi acontecer em outros momentos. Nesse sentido, ‘o alívio’ proporcionado pelos patrocinadores tem um sentido de autonomia da diretoria em razão de evitar constrangimentos e discussões desnecessárias. E o fardamento fica a disposição da equipe e atletas em sua plenitude e totalidade por bastante tempo.

* * * * *

Os dados descritos acima foram sintetizados no quadro 5, tendo em vista a apresentação de aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda/arrecadação de recursos junto à patrocinadores.

Quadro 5 - Síntese de aspectos que se relacionam com o financiamento baseado em patrocínio de empresas.

ASPECTOS	CATEGORIAS
Conhecimento/esforço para captação e complementação	Desoneração de dirigentes e/ou jogadores
Contexto de negócios/financeiro de empresas	Desoneração de dirigentes e/ou jogadores
Qualidade do fardamento completo (camisas, calções e meias)	Equipamentos
Reputação e potencial da equipe para disputar finais (visibilidade)	Reputação da equipe
Reputação e histórico da equipe em confusões, brigas	Reputação da equipe

Fonte: elaboração própria

No trabalho de Pimenta (2009), ao estudar os times de futebol amador da cidade de Recife/PE, a autora também identificou que ao longo dos campeonatos a maioria dos times consegue algum tipo de patrocínio, quase sempre de pequenos e médios comerciantes do bairro, mas podendo ocorrer doações/apoios por torcedores com melhores condições financeiras. A autora, da mesma forma como observem nesta pesquisa, relaciona a busca dos patrocínios com a aquisição de uniformes e a contrapartida de inserção das marcas das empresas.

No trabalho de Biagi (2020) o autor identificou que os times de futebol de várzea da cidade de São Paulo/SP que recebiam patrocínio poderiam ser classificados de maneira diferente daqueles que não recebiam. A quantidade de patrocinadores e os tipos de empresas que figuravam nas camisas dos times eram elementos para se classificar os times, entre aqueles que seriam os comuns e os que seriam da elite da várzea paulistana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou uma prática de lazer bastante presente na vida de trabalhadores urbanos das cidades da região metropolitana de Porto Alegre, o futebol de várzea. Esse universo não foi compreendido como um lugar menor, secundário ou menos importante do que o futebol chamado de profissional, pelo contrário, buscou uma compreensão que destacasse a várzea como relevante espaço e tempo de lazer de muitas pessoas, especialmente de homens vinculados a times e agremiações. Nesse contexto, o objetivo foi compreender como ocorre o financiamento dos times/agremiações de futebol de várzea, tendo em vista suas fontes e aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de recursos para manutenção e participação de jogos e competições.

A primeira conclusão foi a de que são 04 as fontes de investimentos dos times de futebol de várzea de Viamão e de Porto Alegre investigados. O financiamento dessas equipes esteve está relacionado com a contribuição de jogadores, o custeio por parte dos dirigentes, a realização de rifas e eventos e a captação de recursos com empresas através de patrocínios. E, quando passei a observar os aspectos que se relacionavam com a maior ou menor demanda de recursos para a manutenção das equipes e suas possibilidades de participação em jogos e competições, pude identificar 8 categorias, conforme consta no quadro 6 (a próxima página). Essas categorias foram apresentadas a partir da sua maior recorrência, isto é, aparecem primeiro aquelas mais recorrentes e por último as menos frequentes, entendendo que isso têm um significado.

Sobre a categoria jogadores pude entender que eles podem tanto determinar uma maior demanda de recursos, na medida em que exigem algum incentivo para atuar (cerveja, churrasco, combustível), como também eles mesmos podem incidir sobre a maior capacidade de arrecadação financeira dos times, quando, por exemplo, atuam na venda de bilhetes de rifas, de ingressos para bailes ou contribuem mensalmente para ‘o caixa’. Em síntese, para entender o financiamento dos times é preciso conhecer os jogadores e suas trajetórias.

A categoria equipamentos esportivos se relaciona com o financiamento sobretudo pela demanda de recursos que ela apresenta, principalmente para os dirigentes. São vários os equipamentos mencionados, mas seguramente são os fardamentos (camisas, calções e meias) aqueles que ocupam maior destaque quando se relaciona com a necessidade de financiamento dos times.

Na categoria reforma, reserva ou aluguel constam as informações sobre como as demandas de recursos envolvem os campos, as sedes dos times/agremiações e os espaços para

eventos. Entre estes, principalmente os custos dos campos, que depende da qualidade considerada, estão mais presentes na agenda dos dirigentes.

Quadro 6 – Síntese de categorias, de aspectos e de fontes de financiamento do futebol de várzea

CATEGORIA	ASPECTOS	FONTES
Jogadores	Créditos de telefone	Dirigentes
	Gelo, cerveja e/ou churrasco	Dirigentes
	Taxas extras (auxílio a jogadores)	Dirigentes
	Saldo 'do caixa' da equipe	Jogadores
	Qualidade do jogador	Jogadores
	Engajamento dos jogadores na venda	Rifas e eventos
	Premiação de competições	Rifas e eventos
Equipamentos	Aquisição de fardamentos (quantidade)	Dirigentes
	Equipamentos (cooler, bolsa, bolas)	Dirigentes
	Primeiros socorros (pomadas, analgésicos, bandagens)	Dirigentes
	Condições climáticas	Jogadores
	Qualidade do fardamento completo (camisas, calções e meias)	Patrocinadores
	Aquisição de equipamentos (fardamentos, cooler, mesa de sinuca)	Rifas e eventos
Reforma, reserva e/ou aluguel	Qualidade do campo	Jogadores
	Tipo do campo (público ou privado)	Jogadores
	Reforma da sede	Rifas e eventos
	Parcerias com donos dos campos (aluguel)	Rifas e eventos
	Espaço para festa	Rifas e eventos
Desoneração de dirigentes e/ou jogadores	Presença/ausência de familiares (filhos, esposa)	Jogadores
	Conhecimento/esforço para captação e complementação	Patrocinadores
	Contexto de negócios/financeiro de empresas	Patrocinadores
	Mobilização de familiares e amigos	Rifas e eventos
	Participação de jogadores e comunidade	Rifas e eventos
Deslocamento	Combustível para deslocamentos	Dirigentes
	Distância do campo	Jogadores
	Condições das estradas	Jogadores
	Possibilidade de 'caronas'	Jogadores
Arbitragem	Quantidade de árbitros (trios)	Dirigentes
	Qualidade/tipo da arbitragem	Jogadores
	Parcerias com árbitros	Rifas e eventos
Contexto dos jogos	Valor da inscrição em competições	Dirigentes
	Contexto do jogo (amistoso ou competição)	Jogadores
	Quantidades de jogos (um ou mais 'quadros')	Jogadores
Reputação da equipe	Reputação e potencial da equipe para disputar finais (visibilidade)	Patrocinadores
	Reputação e histórico da equipe em confusões, brigas	Patrocinadores

Fonte: elaboração própria

Outra questão que está presente na relação com as fontes de financiamento, especialmente aquelas relacionadas às rifas, eventos e patrocínios, é a necessidade constante de desoneração dos jogadores e dirigentes. Ou seja, o financiamento dos times de futebol de várzea se relacionam com a condição de desenvolvimento de eventos, rifas (com a mobilização de familiares e da comunidade) ou mesmo de captação de recursos através de patrocínios com empresas, sobretudo as pequenas.

Também entra no cálculo principalmente dos jogadores e dos dirigentes as despesas com o deslocamento (considerando as distâncias, as condições das estradas e as possibilidades de organização de ‘caronas’) e a arbitragem (tendo em vista a qualidade e a quantidade de árbitros escalados para uma partida).

Por fim, destaco a importância do contexto dos jogos (se é um jogo amistoso, de competição; que tipo e valor simbólico da competição; qual a fase da competição; qual o valor da inscrição; a quantidade de jogos num dia ou rodada) e a própria reputação da equipe (se, de um lado, ela é vista como uma daquelas que têm condições de chegar às finais e, de outra, se é tomada como uma que frequentemente está envolvida em confusões ou brigas).

Com essas breves descrições/sistematizações, procuro destacar, na forma de conclusões que as 04 fontes de financiamento (jogadores, dirigentes, rifas e eventos, patrocínios) precisam ser compreendidas na relação com: quem são os jogadores; quais os equipamentos; quais as reformas, reservas e/ou alugueis; como desonerar de dirigentes e/ou jogadores; quais os deslocamentos; quem são e qual o número de árbitros; qual o contexto dos jogos; qual a reputação das equipes.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Dossiê Futebol. Revista USP, n. 22, p. 102-109, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26963>. Acessado em: 13 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109>

BIAGI, Diego Fernandes de. **Amadores, profissionais e varzeanos: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/20716>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **FUTEBOL AMADOR: Campo Emergente de Sociabilidade**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/103626_Goncalves%20\(M\)%20-%20Futebol%20amador_campo%20emergente%20de%20sociabilidade.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/103626_Goncalves%20(M)%20-%20Futebol%20amador_campo%20emergente%20de%20sociabilidade.pdf). Acesso em: 10 fev. 2020.

INVERNIZZI, Lisandra. **Ser “daqui” ou de “fora”: hierarquias, descontinuidades e trânsitos no futebol não profissional de Florianópolis**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/194182/PEED1339-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 de. 2019

LOPO, Rafael Martins. **É o fim da Várzea: Ensaio Etnográfico Sobre Forma de Sociabilidade, Narrativa e Conflito de Um Time de Futebol de Várzea da Cidade De Porto Alegre**. 2008. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARTINS, Mariane Goetter. Futebol de várzea: vivenciando o esporte e a sociabilidade. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, v.18, n.1, p.56-69, 2016.

MYSKIW, Mauro. As ‘Tradições Varzeanas’ nos ‘Times de Camisa’: Notas Etnográficas sobre a Circulação de Jogadores num Circuito de Lazer da Cidade de Porto Alegre. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, v.18, n.3, p.158-196, 2015. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2015.1132>

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. 2012. 415f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**. Porto Alegre,

v. 20, n. 2, p. 445-469, abr./jun. de 2014. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67002>. Acesso em: 10 out. 2018.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a Várzea e o Profissional: Sobre Um Campeonato de Futebol Amador. **Espaço Plural**, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre, p. 114 – 139. 2013.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o Jogo: O futebol amador e a pelada na cidade e no Sertão**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em:
https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9468/1/arquivo4263_1.pdf. Acessado em: 10 maio 2020.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, Dec. 2013. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142013000200005&lng=en&nrm=iso. Acessado em 19 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200005>.

SILVA, Diana Mendes Machado. “O que não se consegue com o dinheiro”: A Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 26. 2011. **Anais...** Associação Nacional de História, São Paulo, jul. 2011.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v.4, n.7, p.52-66, 1997. DOI:
<https://doi.org/10.22456/1982-8918.2367>

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

STIGGER, Marco Paulo; MYSKIW, Mauro. Etnografia e estudos no/do lazer: aspectos da observação participante. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira; MELO, Victor Andrade de. **Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. p. 101-122.